

Analistas divergem sobre efeito da crise

Enquanto alguns apostam que episódio levará ao 2º turno, outros preferem prudência

ANA PAULA MACHADO*
SÃO PAULO

Analistas políticos e acadêmicos divergem sobre o impacto da crise deflagrada pelo “dossiê Serra”. Enquanto os mais pessimistas acreditam que o episódio poderá levar a disputa presidencial ao segundo turno — embora dificilmente impedirá a vitória final do candidato-presidente Luiz Inácio Lula da Silva —, outros são mais cautelosos e não esperam efeitos relevantes, pelo curto espaço de tempo entre as novas denúncias envolvendo colaboradores próximos ao presidente da República e o primeiro turno, em primeiro de outubro.

Acadêmicos apontam o caso do referendo do desarmamento como exemplo de mudança de opinião pública em pouco tempo

“Essa é uma crise que tem potencial grande para produzir estragos, inclusive estragos dentro do próprio governo. Por outro lado, estamos às vésperas da eleição. Talvez não tenha tempo para a maioria do eleitorado absorver as consequências de todas essas denúncias”, disse o cientista político e analista da **Tendências Consultoria**, Rogério Schmitt.

Segundo ele, é muito difícil antecipar aonde essa crise pode terminar. “Seria prudente dizer

que esse episódio vai gerar de imediato mudanças nos índices de intenção de voto, seja para presidente ou até mesmo para o governo de São Paulo, tendo em vista que o José Serra é a principal vítima do suposto dossiê”, ressaltou o analista.

Schmitt afirma, ainda, que as consequências, se ocorrerem, serão “marginais seja sobre o favoritismo de Serra em São Paulo, seja para o favoritismo de Lula na eleição presidencial. Mas, dependerá da proporção que esse caso atingir. Há um potencial sim de produzir uma reviravolta neste quadro político especialmente se tiver o segundo turno, pois, teremos mais trinta dias de campanha”, disse. “Ai sim há tempo suficiente para que esse fato seja totalmente conhecido e explorado pela oposição”, ressaltou.

Ao longo desta semana haverá nova rodada de pesquisas que certamente poderá pegar o efeito dessa crise. “A princípio eu acredito que acontecer alguma mudança será bem pequena”.

Entretanto, alguns acadêmicos têm avaliação diferente. Na opinião deles, a atuação agressiva da oposição em relação ao “dossiê Serra” nos próximos dias pode levar a disputa presidencial ao segundo turno, mas dificilmente impedirá a vitória final do candidato-presidente. “O impacto vai depender da presteza da oposição, que tem que estabelecer estratégias sem se deixar intimidar pelos contra-ataques”, afirmou Roberto Romano, professor emérito de Ciências Políticas da Unicamp.

“Agora, virada (do resultado final) não vejo possibilidade. Se a oposição souber passar o

recado para as classes A e B chega ao segundo turno. Este é o pesadelo do PT agora, porque no segundo turno é outra eleição”, completa.

Os acadêmicos apontam o caso do referendo do desarmamento, ocorrido em dezembro de 2005, como um exemplo de mudança de opinião pública em pouco tempo. A rejeição à proibição do comércio de armas de fogo venceu o pleito com 63,9% dos votos, apesar das projeções de institutos de pesquisa realizadas ao longo da campanha apontarem resultado contrário.

Em agosto de 2005, segundo o **Datafolha**, 80% dos entrevistados apoiavam o voto “sim” (pela proibição). Já a pesquisa do mesmo instituto divulgada um final de semana antes da votação mostrava 57% pelo voto “não” (contra a proibição) e 43% pelo “sim”.

Segundo Romano, a atuação agressiva dos defensores do “não” foi decisiva na ocasião do referendo. Agora, caberia aos opositores tirarem o máximo proveito da possível ligação do presidente Lula com o “dossiê Serra”. “Está muito difícil

negar as evidências. No caso do Waldomiro, ele era assessor do Dirceu. Mas o Freud é assessor direto da Presidência”, afirma o professor referindo-se a Waldomiro Diniz, assessor do ex-ministro José Dirceu acusado em 2003 de favorecer bicheiros em troca de propinas.

Freud Godoy, exonerado nesta terça-feira, atuava como assessor da Secretaria Particular da Presidência da República. Segundo Ricardo Antunes, sociólogo e professor da Unicamp, apesar de ser difícil prever a repercussão, não há como negar a possibilidade de haver um segundo turno agora.

“Ainda é difícil ocorrer o segundo turno, mas não é impossível”, afirma, ressaltando que isso depende do andamento das investigações do envolvimento do presidente no caso e da postura agressiva do PSDB e PFL. “Na verdade, seria uma tragédia o Lula vencer em primeiro turno com todas essas questões. Seria muito melhor para o país se tivéssemos o segundo turno”, acredita. Segundo Romano, a oposição “cochilou” nas primeiras 24 horas depois da prisão de Passos e Padilha, ocorrida na sexta-feira, mas acordou a tempo de endurecer o discurso.

* Com Reuters



Rogério Schmitt